

Resumo: *A juventude caminha e é caminho! Cada jovem, rapaz ou moça, do campo ou da cidade, é portador de um enorme potencial, de uma criatividade transformadora que precisa ser reconhecida. Este artigo quer ser um olhar para a realidade juvenil brasileira, destacando a Boa Nova que tem sido a opção da Igreja pelos jovens, assumida nas Conferências Episcopais Latino-Americanas e manifestando um desejo profundo de que esta opção seja reafirmada e reassumida com ainda mais vigor e ousadia pela V Conferência de Aparecida. Os jovens que participam da Igreja procuram fazer a sua parte e da melhor forma possível. No terceiro capítulo deste artigo podemos confirmar isso com uma das tantas atividades evangelizadoras dos jovens, em Santa Catarina, que foi a “Missão Jovem”, realizada no ano de 2005.*

Abstract: *Youth is a stage of life, in which young people are impelled by a zest for life. As they become more conscious of their personality and assume their responsibility, they yearn to play their part in social and cultural life, in urban and rural areas where they live. This article attempts to shed some light on the Brazilian social context with special emphasis on the penetrating impact of the Good News in society through the Church's option for youth, which has been endorsed by the bishops at the Conferences of Latin America. It manifests a deep desire that this option should be reasserted anew with more vigor and boldness at the V. Conference in Aparecida. Young people show their participation in the Church by an attempt as living witnesses to Christ among their companions. The third chapter will offer a wide spectrum of apostolic activities which youth groups have implemented in the “Missão Jovem” last year in Santa Catarina.*

“Missão” jovem, abrindo caminhos de esperança

Gilberto Tomazi

Pedagogo, teólogo, especialista em Ensino Religioso e Mestre em Ciências da Religião.

Encontros Teológicos nº 45
Ano 21 / número 3 / 2006, p. 147-161.



Introdução

A juventude caminha e é caminho! Cada jovem, rapaz ou moça, do campo ou da cidade, é portador de um enorme potencial, de criatividade transformadora, é amante da liberdade e do que é justo e verdadeiro, anseia pela paz e pela solidariedade, exige respeito pelo que é digno e nobre, sonha em realizar-se na vida e é chamado a dar continuidade a essas santas e nobres aspirações. Jesus nos dá a certeza de que continua fazendo história com os jovens e que a cruz não é o fim, mas o caminho da vitória para os que o seguem. Essas palavras animadoras de João Paulo II aos jovens, sugerem que olhemos com mais carinho para a realidade deles e participemos do seu próprio processo de evangelização e missão.

1. Um olhar sobre a realidade juvenil no Brasil¹

Falar em realidade juvenil é abordar temas que dizem respeito a uma grande parcela da população brasileira. Nunca se falou tanto em juventude como nos dias atuais. O tema juventude tem ganhado muito espaço na mídia. O início deste período de maior interesse pela juventude foi em 1985, com o “Ano Internacional da Juventude”, criado pela Organização das Nações Unidas (ONU). A partir disso, a temática juventude ganhou mais expressão nas universidades, organizações sociais e movimentos populares.

A previsão de aumento da população juvenil na América Latina, no final do século passado, foi outro elemento importante nesse cenário. O crescimento populacional e a ascensão da juventude como ator social e político foi gerando este grande volume de reflexões sobre a juventude, que presenciamos atualmente.

Quando falamos em realidade juvenil, estamos referindo-nos a temas que dizem respeito a uma grande parcela da população brasileira. A juventude brasileira, entre 15 e 29 anos, representa 28% da população nacional, ou seja, 47 milhões de pessoas.²

1 Parte do texto a seguir, do primeiro capítulo, foi publicado também no Plano de Ação (2006-2008) das Pastorais da Juventude de Santa Catarina, outono de 2006.

2 Dado com base em estimativas, pois as pesquisas demográficas consideram como “jovens” os indivíduos entre 15 e 24 anos. A ampliação etária (15 a 29 anos) é utilizada pela ONU e Unesco.



A realidade juvenil brasileira mostra que os jovens estão entre as principais vítimas do modelo de desenvolvimento econômico e social observado nas últimas décadas. Houve um aumento da exclusão, do desemprego e da precariedade da ocupação profissional. Constatou-se um déficit educacional que atinge a juventude. Mais de metade dos jovens brasileiros entre 15 e 24 anos não estudavam em 2001, e somente 42% da população nessa faixa etária chegavam ao ensino médio.³⁻⁴ Outro aspecto que atinge de forma acentuada os jovens é o crescimento da violência nos grandes centros urbanos. Pesquisas demonstram⁵ que a taxa de mortalidade por homicídio de jovens de 15 a 24 anos no Brasil (45,8 por 100 mil jovens em 1999) era a terceira maior do mundo, ficando atrás apenas da Colômbia e Porto Rico e sendo quase 8 vezes maior que a da Argentina (6,4 por 100 mil jovens em 1998).

A maior parte dos jovens ainda mora com os pais. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD/2002), apenas 12,5% já formaram família. A juventude procura conquistar independência econômica e um progressivo desligamento da autoridade dos pais. Decorrem disso conflitos inevitáveis, mas na maior parte das vezes a família permanece como fonte de referência e apoio fundamental para os jovens, mesmo que dados relativos à gravidez precoce revelem que houve um crescimento no número de adolescentes e jovens grávidas: 695 mil (22,6%) dos nascidos vivos no Brasil, em 2001, eram filhos de mães com idade entre 15 e 19 anos⁶.

Ao olharmos a realidade brasileira, veremos que nem sempre são dadas, aos jovens, as oportunidades de acesso às atividades de esporte, lazer e cultura. Pesquisas comprovam que, em 2001, cerca de 21% dos municípios brasileiros não tinham biblioteca pública, 92% não tinham cinema e 24% não contavam com ginásios poliesportivos, deixando à mostra uma realidade de poucas chances dos jovens mais pobres usufruírem dos equipamentos culturais, mesmo onde eles existem, pois nem sempre estão situados em locais de fácil acesso dentro das cidades⁷.

3 IBGE – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada em 2002. Esta fonte pesquisa moradores da área rural dos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia e Roraima.

4 IBGE – PNAD/2002.

5 Mapa da Violência III – Os Jovens no Brasil. Júlio Jacobo Waiselfisz, editado pela UNESCO e pelo Instituto Ayrton Senna, em 2002.

6 Ministério da Saúde. Datasus. Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos. SINASC. 2001.

7 IBGE. Perfil de Municípios. 2001.



Quando o assunto é “busca do corpo perfeito e estética”, no desejo de atingir os padrões ideais impostos pela indústria da beleza, cada vez mais, garotos e garotas colocam a saúde em risco. Adolescentes e jovens de hoje sofrem esse novo tipo de escravidão: dos modelos de beleza total. Chegar ao corpo ideal é, hoje, para muitos, a condição fundamental para uma vida feliz e realizada. Segundo a Agência de Notícias dos Direitos da Infância, em 1994 foram realizadas 5 mil cirurgias plásticas em jovens com idade entre 15 e 25 anos, no Brasil.⁸ Em 1999, este número já havia passado para 30 mil.

O descrédito nas instituições políticas e nos partidos é uma característica dos jovens. Isso deve-se à percepção da corrupção e da prevalência de interesses escusos em muitas instituições. Tal desqualificação não significa que a juventude esteja desligada do assunto: 85% dos jovens consideram que a política é importante e 65% sabem que ela influi diretamente em suas vidas. Poderíamos dizer que há descrédito, sim! Apatia política, não! O que se nota é uma inclinação para as mudanças mais locais, muito mais através das pequenas ações do que de grandes obras ou revoluções. No Brasil há muitas e variadas formas de grupos e organizações juvenis: dos estudantes, das PJ's e outros grupos de juventude cristã, de grupos que se articulam em torno da cultura, da ecologia, da sexualidade e prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, em torno de ideais e valores éticos ou de cidadania, das associações de bairros, de esportes e da política partidária. Não há, portanto, apatia e desmobilização dos jovens. O desafio está em criar formas e meios para que estas organizações tornem públicas as suas questões, dando-lhes visibilidade, expressando-as como demandas políticas.

Potencial juvenil não falta. Os jovens, graças à elevação dos níveis educacionais e por serem mais flexíveis às mudanças, são mais capazes de aproveitar as transformações trazidas pelas novas tecnologias; possuem um potencial que os torna atores estratégicos do desenvolvimento nacional. Destaca-se, entre os jovens, uma grande abertura aos valores de solidariedade social, responsabilidade ambiental e da atuação em movimentos que exigem mudanças éticas, sociais e políticas, como foi o caso da campanha pelas Diretas Já (abril de 1984), dos “Caras Pintadas” para o Impeachment de Collor (agosto de 1992), do Movimento Contra a

8 ANDI – Agência de Notícias dos Direitos da Infância. Trecho do artigo intitulado “Abaixo as Barbies” – Artigo na íntegra em www.andi.org.br.



Alca (maio de 1997), do movimento pelo Passe Livre (2004 e 2005, em Florianópolis).

Há, no campo religioso, a tendência da juventude optar pelo sincretismo e pelas formas religiosas mais ecumênicas. Esta maior liberdade de expressão e a dificuldade em viver vinculado a valores institucionais (estrutura de paróquia e figura da autoridade) sinaliza para mudanças importantes de comportamento religioso. O jovem gosta do sagrado, mas um sagrado mais privado, mais *light* e menos exigente. Mesmo com 65% dos jovens de 14 a 25 anos se declarando católicos, o que se nota é um sensível aumento das Igrejas evangélicas pentecostais, dos jovens carismáticos católicos e de crenças e práticas esotéricas ou classificadas como “nova era” (mapa astral, búzios, tarô).⁹ O essencial é destacar que a religião, na vida do jovem brasileiro, ainda tem um sentido para a sua vida, permite que esteja em grupos e espaços de agregação social e que cultive valores fundamentais para o dia-a-dia.

Neste campo vale destacar uma pesquisa realizada com 240 jovens de Santa Catarina¹⁰, onde foi possível constatar que a religião é de grande valor para eles: 86% dos jovens afirmaram que a religião é muito importante. Os aspectos considerados de maior importância na Igreja são, respectivamente: o celebrativo-litúrgico-catequético; o de capacitação de lideranças para atuar na Igreja e na sociedade (incluindo aqui os pequenos grupos de reflexão/família) e a sua dimensão sócio-transformadora, na ocupação com os mais pobres.

Nesta mesma pesquisa perguntou-se sobre a identidade da Igreja. Neste aspecto, 64% das afirmações foram positivas, destacando-se os seus aspectos de acolhida e organização; nos aspectos negativos, que somaram 30% das afirmações, aparecem o autoritarismo e o fechamento como destaques.

Nos termos da atuação e reconhecimento do papel da Igreja no mundo, os jovens aprovaram a Igreja no que tange aos aspectos

9 Documento de Conclusão do Projeto Juventude – Instituto Cidadania – 2004 – p. 93.

10 Pesquisa realizada entre os meses de junho a setembro de 2006, com 23% de jovens do campo e 49% da cidade-centro e 28% da cidade-periferia. 54% eram do sexo feminino e 46% masculino, sendo que 72% tem escolaridade até o ensino médio completo e estão ou já completaram o ensino superior. Em oito das 10 dioceses do Estado, jovens que se identificam ou atuam na Igreja somam 58%, e os que atuam em ONGs, movimentos sociais e organizações profissionais e partidos políticos, somam 35% dos entrevistados. Esta pesquisa foi realizada em preparação à 39ª. Assembléia Regional de Pastoral – CNBB Sul IV, acontecida nos dias 22 a 24 de setembro pp. Em Lages, SC, e cujo tema central foi a Juventude.



relacionados à defesa dos direitos humanos e à luta pela paz, bem como a sua credibilidade. As piores avaliações estão relacionadas à sua postura moral e em relação à sexualidade; ao discurso político ou à visão de mundo. Em relação às normas de organização interna, critica-se o celibato dos padres, a não-ordenação de mulheres, a pouca valorização de leigos e leigas.

Ao falarem sobre a atuação da Igreja com a juventude, os jovens defenderam fundamentalmente três prioridades: organizar e incentivar os grupos de jovens; formar ou capacitar lideranças jovens; e apoiar as Pastorais da Juventude.

A marca juvenil atual é a proliferação de grupos juvenis que se configuram como espaços de criação cultural e se tornam verdadeiros canais de articulação de identidades coletivas. Cerca de 15% dos jovens, no Brasil, participam diretamente de algum grupo juvenil.

Pensando na possibilidade de transformar o mundo, cerca de metade dos jovens brasileiros manifestam o desejo de participar principalmente em associações comunitárias ou profissionais, em entidades ligadas à defesa do meio ambiente, contra o racismo, na assistência social ou ainda nos conselhos de educação e de saúde. Existe uma ampla diversidade de formas de atuação coletiva entre os jovens, dos mais diversos tipos e com diferentes raios de abrangência. Essa presença participante se fez notar no cotidiano de muitas comunidades, nos momentos de decisão coletiva a respeito de gastos públicos, nas grandes mobilizações e acontecimentos políticos do país, nos encontros e fóruns onde se buscam desenhar os traços de um outro mundo possível, e nos espaços em que se inicia o debate a respeito das políticas de juventude. Desse modo, outro desafio que se coloca é a criação de mecanismos de apoio e reconhecimento da diversidade de formas de atuação dos jovens.

Afirma-se que a juventude é o espelho que reflete uma realidade mais ampla. A sociedade como um todo está projetada na juventude. Após um longo período no qual elites dominantes impuseram seus interesses sobre a classe trabalhadora, gerando exclusão social e empobrecimento, pela primeira vez, na história brasileira, nas eleições presidenciais de 2002, o povo elegeu um governante (Luís Inácio Lula da Silva) com um histórico pessoal de defesa dos interesses das classes menos favorecidas. Nisso estava a esperança de mudança da realidade nacional. Passados três anos, mesmo percebendo-se que estes anseios por um novo Brasil pouco se concretizaram, percebe-se que há mudanças acontecendo, embora lentamente.



A nossa ação evangelizadora, para ser transformadora, buscará sempre este “mergulho” na realidade onde estamos, pois nosso compromisso com o Projeto de Jesus Cristo exige esta observação atenta dos cenários que estão presentes à nossa volta. Sem isso, não é possível tornar a nossa ação mais próxima possível do Reino de Deus. Entretanto, não basta somente olhar e entender o que acontece na realidade. Para que a esperança de um outro Brasil possível torne-se real, será necessária a mobilização das forças sociais e populares visando construir alternativas. Um exemplo é o Fórum Social Mundial, em que muitas das organizações presentes são organizações de jovens. O Fórum, com seu eixo de construção de “outro mundo possível”, tem sido uma iniciativa inspiradora de ações que, ao procurar transformar o mundo atual, também rompem com a lógica de que o capitalismo é definitivo, que o neoliberalismo é inevitável, que a guerra é normal e que a desigualdade social é natural. O caminho é globalizar a esperança!

2. Evangelização da juventude e V Conferência do Episcopado Latino-Americano

Todo jovem – assim como todo cristão – é convidado por Jesus a ser discípulo. O convite é pessoal: “*Vem e segue-me*” (Lc 18,22). Ele sempre chama os seus pelo nome (Jo 10,3), e assim como enviou os setenta e dois, Jesus, a cada novo dia, continua a enviar jovens de dois-a-dois a dar testemunho e até a própria vida no seu seguimento, em continuação da sua missão evangelizadora (At 1,8). Os Evangelhos mencionam, em primeiro lugar, os Doze mais próximos de Jesus (Mt 10,1), os setenta e dois que ele envia em missão (Lc 10,1) e muitos outros que o seguem de alguma forma (Mt 8,21). Jesus sabia que não estaria muito tempo com eles. Precisava formá-los e capacitá-los para a missão.

A evangelização da juventude foi tema central da 44a. Assembléia Geral da CNBB, realizada em Itaiaci, SP, de 9 a 17 de maio de 2006. Preocupar-se com a juventude significa, para os bispos do Brasil, preocupar-se com os rumos da sociedade e da própria Igreja. Eles acreditam que o futuro da própria Igreja e também os rumos que a sociedade irá tomar “dependem de como forem educados e evangelizados os adolescentes e jovens de hoje, que serão seus futuros responsáveis.”

Cientes de que a evangelização da juventude é uma prioridade para a missão da Igreja, e que é uma missão complexa, que requer



pedagogias próprias e um esforço concertado de toda a comunidade eclesial, os bispos aprovaram e encaminharam um texto de estudo que deverá ser aprofundado e ampliado, com a participação da comunidade eclesial, sobretudo dos jovens, até que venha a ser aprovado como documento oficial.

O documento de estudo faz pelo menos trinta referências ao tema “missão”. Na maioria das vezes, essa referência é feita num sentido amplo à “missão da Igreja” ou “missão de toda a comunidade eclesial” e, mesmo reconhecendo o protagonismo juvenil no processo de evangelização da juventude - “o jovem é o evangelizador privilegiado de outros jovens” - poucas vezes se refere à missão específica e particular da própria juventude. De qualquer forma, percebe-se que um dos grandes desejos da Igreja é estimular em todos os jovens “o espírito missionário para que saiam em missão para levar os outros jovens a um encontro pessoal com Jesus Cristo e ao projeto de vida proposto por ele.” Além do desejo de tornar os jovens “protagonistas da evangelização”, os bispos do Brasil também querem ver os jovens como “artífices da renovação social”¹¹.

Uma das grandes novidades desse documento está no fato de “considerar o jovem como lugar teológico”, acolhendo “a voz de Deus que fala por ele”. É interessante notar que os bispos do Brasil estão interessados em compreender “Deus que fala através da juventude”. Trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil.¹²

Dentre uma multidão de jovens dispersos pelo mundo afora, existe pequena parcela deles que estão organizados na Igreja e dentre esses uma parcela ainda menor é daqueles que procuram assimilar o Evangelho como uma Boa Notícia aos jovens e ao mundo e a partir daí se abrem para uma ação missionária responsável e transformadora. A Igreja entende que estes jovens, apóstolos de outros jovens, “têm um poder de comunicação e de convencimento que o adulto não possui”. Por isso, ao procurar ir ao encontro dos jovens que estão “fora” da Igreja ou excluídos da sociedade, a Igreja sabe que não há outro caminho mais adequado que o de animar, mobilizar e capacitar os jovens que estão “dentro”.

11 João Paulo II, *Christifideles Laici*, no. 46, Cf. também CNBB Diretrizes gerais..., doc. 61, nn. 236 e 237.

12 CNBB Conferencia nacional dos Bispos do Brasil. *Evangelização da Juventude*, desafios e perspectivas pastorais, p. 34.



Para ir ao encontro dos que estão “fora”, a Igreja aprendeu já que o primeiro passo não é o de levar a sua doutrina até ele e nem levar-lhe os seus mais belos valores e princípios evangélicos. O primeiro passo é “descer” até a realidade concreta em que os jovens vivem, “ouvir” o seu clamor, perceber os seus valores, valorizar os seus talentos e assim ser uma Boa Notícia para eles. A missão fundamental da Igreja não consiste em trazer os jovens para as suas atividades internas, mas em ajudá-los a ser protagonistas da nova sociedade. Há um setor significativo da juventude que sonha com “um outro mundo possível”. “Participar da construção de uma sociedade justa e solidária constitui um dos objetivos da ação evangelizadora da Igreja no Brasil”.¹³ Como qualquer mãe sábia, a Igreja entende que, na medida em que seus “filhos” crescem na fé e vão se tornando adultos, eles devem se tornar capazes de sair “debaixo de sua saia” e enfrentar responsabilmente o mundo, como sujeitos da história.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja Latino-Americana em Medellín(1968) e Puebla(1979), nos documentos de conclusão de suas conferências episcopais, assumiu o compromisso de lutar pela justiça, inseparável do trabalho de evangelizar e anunciar a Boa Nova; de fomentar um novo modo de fazer teologia, a partir da situação dos pobres e dos problemas sociais, e de articular as CEBs que, reunidas em torno do Evangelho, inventavam e inventariavam um novo modo de ser Igreja. Já em Santo Domingo (1992), treze anos depois de Puebla, assumiu-se a prioridade do protagonismo dos leigos, acreditando-se que, sem eles, “não haveria nova evangelização”.

Além da opção preferencial pelos pobres, a Conferência Episcopal Latino-Americana em Puebla fez a “opção pelos jovens”. Foi um grande voto de confiança e de esperança nos jovens. Em Santo Domingo, os bispos reafirmaram essa opção pelos jovens, considerando a necessidade de uma pastoral da juventude orgânica, de um maior acompanhamento, apoio real, diálogo, dimensão vocacional, recursos pessoais e maior investimento financeiro. Agora estamos às vésperas da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, que acontecerá em Aparecida, em 2007.

13 “Entre essas realidades temporais, não se pode deixar de salientar com ênfase especial a atividade política. Esta abarca um vasto campo, desde a ação de votar, passando pela militância e liderança em algum partido político, até o exercício de cargos públicos em diversos níveis” (Puebla 791).



Novamente a Igreja se prepara para repensar a sua missão no continente latino-americano. São tempos diferentes. As ditaduras político-militares sangrentas dos anos 70 e 80 acabaram, impuseram-se agora as ditaduras camufladas do mercado neoliberal e da grande mídia. A teologia percebeu que não basta pensar apenas a partir de aspectos sócio-econômicos e políticos; ela alargou seu olhar considerando aspectos como ecologia, gênero, mística, espiritualidade, raça, etnia, os velhos, os jovens, inclusão digital, cultura, arte e lazer, entre outros. Na V Conferência, o episcopado irá refletir sobre aquilo que é o coração do Evangelho: o discipulado cristão. A perspectiva é que, para ajudar a solucionar os problemas sociais e econômicos do continente onde vivemos, precisamos ter bem presente a consciência de que somos discípulos e discípulas de Jesus Cristo, o Mestre que nos conduz à vida em plenitude.

O mais importante documento em preparação à V Conferência de Aparecida, chamado Documento de Participação¹⁴, menciona vinte vezes os jovens ou a juventude. Primeiro, cita-os em termos de dinamicidade e de anseio por justiça, liberdade, paz e felicidade, entre outros. Esse desejo jovem parece ser também o desejo da Igreja em vésperas da V Conferência. Segundo, o documento lembra a importância da Pastoral da Juventude e a necessidade de maior aproximação entre as pastorais juvenil, familiar e vocacional, tendo em vista especialmente o despertar da vocação missionária e sacerdotal (ou à vida consagrada).

Outras referências são de preocupações e indicação de caminhos da Igreja à juventude. Uma delas refere-se à necessidade de conversão dos jovens (e também dos adultos) de hoje. Diante das controvérsias e contradições da realidade atual, a Igreja aponta para o nome do Senhor Jesus e a confiança em sua palavra; olha com simpatia cada pessoa que anseia por humanidade e fraternidade, e critica a realidade atual nas suas tendências que levam à violência e à morte. Outra preocupação é com relação à violência, ao aumento dos casos de gravidez precoce de adolescentes e o consumo de drogas e de álcool no espaço intra-escolar. Nesse sentido sugere-se a necessidade de uma revisão interdisciplinar profunda, e que haja acesso à educação com equidade e igualdade de oportunidades para todos. Só assim os jovens poderão se converter em construtores solidários da paz e do futuro da sociedade.

14 CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano. *Rumo à V Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe*, documento de participação. Tradução de Ivo Storniolo, São Paulo: Paulus/Paulinas, 2005.



Outros três aspectos que preocupam a Igreja, em relação aos jovens, são: a) a volatilização da relação entre sexo e matrimônio e a desvinculação entre sexualidade e compromisso, como o da fidelidade; assim como as uniões passageiras e parcerias do mesmo sexo; b) o desencanto ou profundo desinteresse manifesto por incontáveis jovens para assumir responsabilidades políticas e preparar-se para elas; e c) a diminuição do número de pessoas que se professam católicas e o crescimento da indiferença religiosa e a descrença, principalmente entre os jovens.

Por fim a Igreja compreende, nesse Documento de participação, que a realidade atual clama pelo nascimento de uma nova época que resgate verdades e valores perdidos e descubra dimensões novas, que vençam as atuais tendências contrárias à vida, à família e a uma sexualidade sadia. E, também, refere-se aos jovens lembrando as tantas testemunhas e discípulos de Jesus Cristo que procuraram construir uma nova cultura, entre os quais, muitos que inclusive deram a vida, respondendo ao ideal cristão, cumprindo o mandamento novo, conformando suas vidas segundo as bem-aventuranças, como modelos de santidade, intercessores e amigos na fé, que nos acompanham em nossa peregrinação.

3. “Missão Jovem”: uma experiência em terras catarinenses

A Igreja se alimenta da Palavra, que é luz no caminho e aquece o coração (Lc 24,32); e da Eucaristia, que é força e alimento transformador da realidade, e que remete para a Missão (Lc 24,32-33): “Ide pelo mundo e anunciai a boa notícia a todos os povos – aos jovens” (Mt 28,18-20). Por fim, a Igreja se fortalece com o testemunho concreto de tantos mártires que testemunharam com sua vida o carinho especial que Deus tem pelos pobres e pelos jovens.

A missão de Jesus é a missão da Igreja. Jesus sintetiza sua missão com uma frase do profeta Isaías: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a boa notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor...*” (Lc 4, 16-21).

Os jovens sonham com uma Igreja que celebre a vida, que seja povo de Deus e de irmãos, pobre, profética e libertadora, solidária e



evangelizadora; uma Igreja que ame os jovens, que confie neles e os impulse para o compromisso e a missão. Eles não apenas sonham, mas também se lançam em missão e a fazem acontecer.

Sim, os jovens são Igreja e, como Igreja, são enviados a outros jovens, como protagonistas e missionários na construção da Civilização do Amor. Ser protagonistas na Igreja é assumir com coragem e criatividade o desafio das missões jovens. Se respondemos “sim” a este chamado e missão, Jesus propõe: “*Se alguém quer me seguir, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e me siga*” (Mt 8,34). O seguimento de Jesus deve ser radical e alegre, assumindo a causa do Reino, e grande será a nossa recompensa (cf Mt 5,12). Não a esperemos, porém, apenas para este mundo.

Nossa realidade exige respostas concretas aos questionamentos e dificuldades da vida dos jovens. “Muitos jovens são vítimas do empobrecimento e da marginalização social, do desemprego e do subemprego, de uma educação que não responde às exigências de suas vidas, do narcotráfico, da guerrilha, das gangues, da prostituição, do alcoolismo, de abusos sexuais. Muitos vivem adormecidos pela propaganda dos meios de comunicação social e alienados por imposições culturais, e pelo pragmatismo imediatista que tem gerado novos problemas no processo do seu amadurecimento afetivo” (SD 112). Porém, há jovens que se reúnem para “realizar distintos serviços de ação missionária” (SD 112). Não obstante as dificuldades e limites, as Pastorais da Juventude de Santa Catarina se inserem neste movimento missionário de evangelização.

As PJs estão organizadas nas 10 (dez) dioceses do Regional Sul IV. Isto significa, aproximadamente, 2.000 grupos de jovens. São mais de 30.000 jovens que se reúnem periodicamente (mensal, quinzenal ou semanalmente), em diversas instâncias. Mesmo com tal dedicação e empenho de tantos jovens – muitas vezes faltando-lhes apoio em termos de recursos pessoais e materiais – sentimos que as PJs precisam “*avançar para águas mais profundas*” (Lc 5, 4).

É no sentido desse “avançar para águas mais profundas” que diversas iniciativas e experiências da juventude católica no Brasil são hoje herdeiras de um acúmulo histórico-religioso que é uma riqueza imensa. Quem não ouviu falar da Ação católica especializada dos anos 60, e das Pastorais da Juventude a partir dos anos 80? Quem nunca ouviu falar de eventos, cursos, encontros, mobilizações, lutas, organizações e até mesmo iniciativas revolucionárias da juventude católica brasileira e latino-americana?



Na virada deste milênio, no esforço de organizar novos grupos de jovens e fortalecer os que já estão inseridos no processo de evangelização, as Pastorais da Juventude do Regional Sul IV – SC sentiram, em sua 13ª Assembléia Regional,¹⁵ a necessidade de realizar um Projeto Missionário que ampliasse seus horizontes de ação. Dentre as muitas e ricas experiências da juventude catarinense dos últimos anos, nessa área, temos a “Missão Jovem”. Depois de acontecerem várias experiências missionárias em nível local ou a partir de alguma das pastorais da juventude específicas, realizou-se a primeira missão jovem regional, em Otacílio Costa, no ano de 2005. Foi uma grande experiência de evangelização e mobilização dos jovens para que se tornassem missionários nos ambientes em que estão inseridos e naqueles que apresentam maiores desafios, investindo no trabalho diferenciado: junto aos estudantes, aos agricultores, aos empregados das periferias das grandes cidades e a outros segmentos juvenis.

Foi um processo dinâmico, de diálogo, acolhimento, visitação, comunhão e participação, de crescimento na fé e na consciência cidadã, que além de garantir uma maior participação dos jovens na comunidade eclesial, também possibilitou uma maior organização dos mesmos a partir dos grupos de base e do fortalecimento das pastorais da juventude específicas. Foi um verdadeiro semear em terra boa. Fato é que essa experiência de missão, reassumida na 14ª. Assembléia Regional,¹⁶ está sendo assumida por várias dioceses e sendo planejada para uma segunda experiência em nível regional para o ano de 2008. Pode-se dizer que a primeira experiência regional foi um “preparar o terreno” e “lançar a semente”.

Marcelo Zapelini, um dos missionários empolgados com a experiência vivida, assim resumiu “os resultados” dessa missão em Otacílio Costa: “Tão cedo a Paróquia Santa Catarina, da Diocese de Lages, não vai esquecer a passagem das Missões Jovens, seja pelos ímãs de geladeira deixados em cada visita, seja pela mobilização feita em cada comunidade.” Atento a vários depoimentos, realidades, fatos e experiências da missão jovem, Marcelo nos oferece a seguir belos relatos dessa missão:¹⁷

15 Acontecida nos dias 22 a 24 de novembro de 2002, em Curitiba – Diocese de Lages-SC.

16 Acontecida nos dias 25 a 27 de novembro de 2005, em Luzerna – Diocese de Joaçaba-SC.

17 Cf. Jornal Cheiro de Terra da CPT, n.157, maio/junho de 2005, p. 12 e 13.



Não há estimativa precisa, mas é certo que a maior parte das casas foram visitadas pelos grupos de missionários, entre os dias 21 e 24 de abril. Foram mobilizados mais de 170 jovens da maioria das Dioceses do Estado, além de dezenas de jovens e pessoas da comunidade local que contribuíram na logística e infra-estrutura. As visitas aconteceram com duplas de missionários que, além de convidarem para as atividades comunitárias que cada equipe promoveu nas comunidades, fizeram a bênção da água, e uma conversa sobre a vida da família e da comunidade.

Foram dias de muito trabalho. Josiane, moradora e militante da Pastoral da Juventude em Otacílio Costa, andava exausta e feliz pelas comunidades da paróquia, acompanhando o andamento das atividades. “Vou dormir dois dias sem parar”, disse ela. Justifica-se o cansaço, afinal foram meses de preparação e mobilização dos paroquianos, além da correria durante o acontecimento. Havia moradores que foram localizados a mais de trinta quilômetros da sede de suas comunidades no interior, o que dá uma idéia da dimensão geográfica das missões.

Diferentemente de Josiane, a maioria dos jovens não conhecia os lugares a serem visitados e teve que usar mapas de localização ou contar com a ajuda de jovens locais para não se perder em meio às estradas e ruas. “Muito proveitoso. Aprendi muito com as pessoas, pois a convivência nos traz grande enriquecimento pessoal”, avalia Claudia Quadros. Fernanda Lipka tem a mesma opinião: “Vivemos coisas novas, conhecemos novas histórias que só nos ajudaram a crescer cada vez mais, a equipe de Aparecida trabalhou, chorou, sorriu”.

As visitas às famílias renderam experiências inéditas para muitos jovens. Especialmente em comunidades da periferia urbana, em que não se percebeu a existência de políticas públicas para os moradores. Tal foi o caso de Dna. Terezinha, umas das moradoras do Bairro Bem-Viver, aposentada pelo INSS e abandonada pelo marido quando as três filhas ainda eram pequenas. Hoje apenas uma delas, Janaína, vive com ela na casa. A mulher já está quase cega e a filha está desempregada. “Eu queria ajudar você, mas não consigo sair de casa”, lamenta. Ela diz que a comunidade onde vive é complicada, “tem briga, roubo e malícia”.

No interior, as comunidades se mobilizaram a ponto de mudar as estatísticas de participação. Como na Comunidade Alto da Serra, onde a pequena Capela lotou depois de muito tempo pouco freqüentada. Lá a celebração de encerramento das missões colocou dezenas de pessoas e motivou a comunidade que agradeceu os jovens pela atitude de vir ao



seu encontro: “Que sejam sempre assim, como lindas flores em um jardim”, disse a porta-voz da comunidade na despedida dos missionários. Robson falou em nome dos missionários: “Aqui até já me chamaram de ‘barrigudo’, e fiquei ainda mais barrigudo”, por causa da farta alimentação durante as visitas. Ele acabou emocionando-se: “Está sendo maravilhoso, vamos ficar com saudades de vocês”.

Claudia, que citamos no início desta reportagem, lembrou que aconteceram coisas inusitadas. Ela conta que entrou com sua colega em um bar onde havia apenas homens, e puxaram conversa. “As pessoas na rua e os donos do bar ficaram espantados como se aquilo fosse imoral ou indecente, ainda mais para duas missionárias! Foi até meio constrangedora a reação das pessoas.”

Fernanda diz que a experiência de ir para o interior foi marcante: “Nunca convivemos para saber realmente o que é viver no interior. Na cidade tudo é diferente, só vendo é que damos valor às pessoas”.

Paulo, de Caçador, disse que foi preciso muita paciência. Ele quase abandonou tudo, mas “a minha montanha (de problemas) é na verdade um grão de areia”. Ele, e o lajeano Camilo Freitas Machado, jogaram vôlei improvisado com algumas crianças e adolescentes numa comunidade de periferia por alguns minutos, e admiraram o menino franzino que trouxe um cacho de bananas e dividiu todas com os colegas. Recordam que ele disse aos companheiros: “Pega! Hoje teve almoço lá em casa”, contaram os dois missionários, emocionados com a experiência.

As missões terminaram com uma celebração na cidade de Palmeira, onde as comunidades “devolveram” os missionários e trouxeram seus símbolos para recordar suas identidades peculiares. Na homilia, Dom Oneres, bispo de Lages, disse que esse foi um trabalho de “lançar sementes”, e que de agora em diante é preciso que a comunidade continue o trabalho. Ele ainda diz que foi boa a oportunidade de “despertar a consciência do compromisso de mudar o mundo”, e de a juventude “mostrar que entende o seu papel”. Elena, secretária regional das Pastorais da Juventude, ao agradecer a comunidade, lembrou que a “missão continua nas comunidades, na casa de cada um e ainda na pós-missão”. Enfim, ecoaram os gritos dos jovens: “Juventude, em missão!” e “Comunidade, em Missão!”

Endereço do Autor:

Rua João Cancio dos Santos, 280

Pantanal

88040-300 Florianópolis, SC